

Os parentes Ticuna logo foram embora. “Eu e minha irmã fomos trabalhar de empregadas domésticas. Na casa que minha irmã ficou deram a oportunidade e a matricularam na escola. Na casa onde eu fiquei, não deixavam nem que eu pegasse num livro.”

Uma amiga a ajudou a escrever um currículo, emprestou boas roupas e Altaci seguiu para a entrevista de emprego. Não deu outra: foi contratada para dar aula de matemática numa escola e, com a nova renda, alugou um quarto para ela e a irmã.

“Gostavam muito do meu trabalho e me passaram, depois disso, para um contrato de convênio com a Secretaria Municipal de Educação. Meu salário aumentou e eu conseguia mandar dinheiro para a minha mãe e pagar um cursinho pré-vestibular”, orgulha-se. Tentou por cinco anos a vaga. Chorava a cada reprovação. Na quinta vez, em 2001, foi aprovada para o curso normal superior (hoje pedagogia) da Universidade Estadual do Amazonas (UEA).

Daí em diante, a carreira no magistério decola, já como prelúdio da brilhante trajetória acadêmica. Antes, porém, viveu a perda precoce do pai, vítima de tétano. Francisco estava consertando uma canoa quando se feriu com um prego. “Foi ao posto (de saúde). Quando chegou lá, não tinha vacina, e quando tinha vacina, não tinha quem aplicasse”, lamenta. Ele recebeu a notícia de que a filha havia sido aprovada na graduação e, uma semana depois, não resistiu às complicações da doença.

Defesa dos povos originários

Tataiya Kokama – seu nome indígena – conta a própria história como quem a lê de um livro, ou sentada em roda compartilhando anedotas. Lembra-se com detalhes de situações, de locais e de datas.

Aprovada no concurso da Secretaria Estadual de Educação de Manaus, fez duas especializações. Era hora, então, de começar o mestrado em antropologia. Sob a orientação de Alfredo Wagner Berno de Almeida, expandiu os horizontes.

“Cresci como pessoa, como pesquisadora indígena, e me

Fotos: Arquivo Pessoal



Altaci com o grupo de contação de histórias Lua Verde; ao lado da mãe, Glorinha; na oficina de cartografia social, na Amazônia (E); e na defesa da tese de doutorado (abaixo)



tornei militante, porque viajei muito, conheci a realidade de outros povos que passaram situações como as que nós passamos. Acabei me tornando oficina de mapeamento situacional de povos e comunidades tradicionais da Amazônia, levando formação em direitos indígenas, saúde, educação, elaboração de material didático”, elenca.

Uma parceria entre as universidades estadual e federal do Amazonas permitiu que esse trabalho fosse desenvolvido no Alto Solimões e em uma parte do Alto Rio Negro, na Amazônia brasileira e peruana, próximo ao Vale do Javari, onde o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom

Philips foram assassinados.

Altaci conta que já viu a própria vida ameaçada em situações de conflito semelhantes às que levaram às mortes dos dois. “Eu vivi isso como espectadora, no período em que eu era criança, e depois como pesquisadora”, relata. Mostrar aos indígenas que eles têm direito a remédios, a melhor atendimento de saúde, e muni-los do conhecimento necessário para a demarcação de seus territórios colocou mais de uma vez a professora em risco.

“Por duas duas vezes tentaram nos matar quando estávamos na oficina. Uma vez foi em Santo Antônio, quando falamos de GPS para os indígenas

demarcarem seus territórios”, conta. “Fizeram uma emboscada quando estávamos dando essa formação, eu e meu amigo”, relata a professora. “Não morremos porque um indígena nos desviou do caminho.”

“Num outro momento, tínhamos ido ministrar uma oficina em São Paulo de Olivença e chegou um grupo de ribeirinhos muito agressivo com a gente, para falar que a terra era deles”, relata. Colocados no centro de uma roda, ela e o amigo conseguiram convencer os habitantes de que existia um processo para que nenhum direito fosse usurpado, “nem de ribeirinho, nem de indígena”. “Esse processo no Amazonas é sempre conflituoso, porque são muitas vezes para inibir os direitos de quem mais precisa.”

A chegada ao Planalto Central

Terminado o mestrado, Altaci logo passa na seleção para o doutorado na UnB, em 2012. Nessa época, fazia cinco anos que a mãe estava morando com ela e, um pouco antes de a professora chegar a Brasília, Glorinha morre por complicações de um câncer no fígado. Como se não bastasse o sofrimento pela perda da matriarca, ela descobre um grave problema de saúde, e da maneira mais inesperada. “Cheguei dia 1º de abril aqui. Dia 8, começaram as aulas, e no dia 1º de maio entrei em coma.”

O diagnóstico de púrpura veio acompanhado de tratamento para a vida toda. A doença autoimune caracteriza-se pelo acúmulo de sangue debaixo da pele, em razão de inflamação dos vasos sanguíneos. No fim do ano, ela estava pronta para retornar às aulas. A tese *O reordenamento político e cultural do povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru* foi apresentada em 2016.

De volta a Manaus, Altaci não para. Funda, ao lado do professor Ely Macuxi, morto em decorrência de complicações da covid-19 em 2021, a Gerência de Educação Escolar Indígena. Juntos, criaram as políticas de

educação escolar indígena da capital amazonense.

Tsar+wapan: quando a felicidade transborda

O primeiro lugar para o cargo de professora adjunta do curso letras/português do Brasil como segunda língua na UnB, em 2018, selou o esforço de uma vida dedicada à busca de direitos para os povos tradicionais. “Depois disso, minha vida mudou completamente”, avalia.

“Nossa, eu fiquei sem saber o que pensar. Ter conseguido chegar a estudar já era um sonho, e alcançar algo além do sonho, que é vir para Brasília como professora adjunta... Lembrei de toda a minha trajetória, do meu pai, da minha mãe, do meu povo, foi uma emoção que não tenho palavras”, destaca. A palavra Tsar+wapan, em Kokama, define o que ela sentiu. A posposição pan significa a plenitude, cheio, que transborda. “Atrelado à palavra tsar+wa, que é alegre, significa a plenitude da alegria”, explica. “É uma felicidade que você não consegue explicar. Foi com essa alegria que eu fiquei.”

Quando está de férias da UnB, Altaci ainda dá formações em Tefé e em Benjamin Constant, ambos municípios do Amazonas. Durante a pandemia, viu a vida ameaçada mais uma vez pela precariedade dos equipamentos públicos no interior do estado. Depois de vacinada com três doses, contraiu covid-19 no Alto Solimões e ainda assim parou na UTI. “Só não morri porque cheguei a tempo em Manaus, antes da intubação”, relata.

“Houve uma baixa muito grande de anciãos no meu povo. Setenta só na primeira onda. Na terceira, meu irmão faleceu”, conta. A dor e o sofrimento se transformam em aprendizado na sala de aula. A formação de línguas indígenas continuou por meio do WhatsApp e das mídias sociais. “Com a nossa presença aqui na Universidade de Brasília, os alunos podem vivenciar situações e saberes que eles só veem em filme, no jornal.”

» **Leia no próximo domingo a história de Gersem Baniwa, 2º professor indígena da UnB**